

**Recensão: Haass, Richard N. 2017. *A World in Disarray*
- *American Foreign Policy and the Crisis of the Old Order*.**

New York: Penguin Press.

Cláudia Soares de Almeida

Licenciada em Relações Internacionais pela Universidade Lusíada do Porto

Na sua monografia, Richard N. Haass (2017a) apresenta ao leitor uma perspetiva realista sobre o estado caótico da atual ordem mundial em que nos inserimos, tendo como ponto de partida, a História das Relações Internacionais, que marcou o Velho Continente, desde o Século XVII, mais especificamente, a partir da Paz de Vestefália, e vai até ao fim da Guerra Fria. O autor analisa os principais desafios da política externa dos Estados Unidos da América (EUA), e ao mesmo tempo, apresenta recomendações para o executivo de política externa de Washington e o resto do mundo ocidental sobre como lidar com a desordem da ordem internacional, assim como apresenta uma análise sucinta das forças e dos eventos que moldaram o mundo tal como o conhecemos, sem nunca esquecer que os Estados operam no sistema internacional sempre de acordo com o seu interesse nacional, e a sua atuação encontra-se sempre condicionada pelos interesses das potências mais poderosas.

Entre os vários desenvolvimentos preocupantes como o aparecimento dos populismos e os extremismos em regimes democráticos consolidados, e dos autoritarismos e dos totalitarismo, o autor ainda alerta para a existência de uma crescente rivalidade entre diversas potências; para o aumento da distância entre os desafios globais e as soluções; as diversas realidades regionais e as respetivas possibilidades para ocorrer um conflito armado; e as disfunções políticas que tiveram consequências nefastas em diversos países, assim como foi o caso dos EUA durante a primeira Administração republicana de Donald Trump, e a agora com a segunda Administração republicana de Donald Trump, tendo a Administração democrata de Joe

Biden como *interregnum*. O que por si só pode dificultar a formulação e execução de uma política externa coerente e assertiva para lidar com os problemas atuais, e possivelmente prejudicar o estatuto dos EUA no sistema internacional por si dominado, enquanto potência hegemónica da ordem mundial liberal, assim como a gestão do *statu quo*.

Para Haass, a atual configuração do sistema internacional, ainda dominado pela hegemonia dos EUA, se tornou mais instável, à medida que os perigos e as ameaças transnacionais proliferaram; as fragilidades das instituições internacionais aumentam; as ordens regionais desmoronaram, quer no continente europeu, quer no Médio Oriente, quer no Extremo Oriente, por causa da emergência de novas potências regionais. E o autor vai mais além na sua análise, na qual deteta a existência de uma crise ainda mais profunda: o colapso do sistema internacional vestefaliano de quatro séculos construído em torno de Estados soberanos, cuja crise o autor já abordou nos seus ensaios na *Foreign Affairs* (Haass, 2017b) e no *Project Syndicate* (Haass, 2017c), ambos publicados em 2017, e permanecem atuais nos dias de hoje.

Para além disso, Haass ainda alerta para o facto de nenhuma grande potência tem a capacidade de assumir a posição hegemónica de Washington no plano multilateral. E mesmo num mundo multipolar, os EUA irão permanecer como a potência militar mais poderosa do mundo, porque não há nenhum Estado ou coligação de Estados que consigam obter a mesma capacidade dos EUA de construir ou mesmo de gerir uma nova ordem mundial, de momento.

Também apresenta ao leitor umas recomendações para se lidar com esta desordem no mundo, na qual apresenta uma nova conceção de soberania, inspirada no modelo do Concerto Europeu que restaurou a estabilidade do continente europeu após as Guerras Napoleónicas (1803-1815), semelhante aquela que foi assumida por Metternich, Castlereagh, Tallyrand, e entre outros ilustres diplomatas e estadistas que marcaram presença no Congresso de Viena (1814-1815) como é o caso do Duque de Palmela.

Para o autor, a independência de um Estado depende da sua cooperação na manutenção de uma ordem internacional estável. Porque a desordem interna aliada à desordem externa representa um efeito nefasto sobre a

estabilidade do sistema internacional, referindo-se aos perigos da armadilha Tucídides, tese introduzida o livro *Destinados à Guerra - Poderão a América e a China Escapar à Armadilha de Tucídides?* da autoria de Graham Allison (2021), cujo exemplo histórico é a Guerra do Peloponeso. Embora os EUA sejam uma potência militar sem rival, a ascensão da China pode minar o *statu quo* vigente, apesar dos Estados não terem interesse em colocar em causa o sistema internacional vigente, mas sim de o adaptar para melhorar acomodar os seus interesses regionais. A monografia de Allison, como nota Tavares (2022, p. 223) “está longe de afirmar a inevitabilidade de uma guerra entre as duas superpotências, mas sim contribuir para uma reflexão sobre os fatores que podem levar à guerra e qual seria o caminho para evitá-la”.

Podem os EUA e as restantes potências sobreviver num mundo em desordem? Haass afirma que, com maior integração e cooperação entre governos nos domínios da aplicação do Estado de Direito e da partilha de informações, é possível sobreviver, uma vez que, tal cooperação não limita a soberania de um Estado e nem condiciona a governação global, podendo um Estado adotar soluções de acordo com o respetivo contexto, sem colocar em causa o *statu quo* do sistema internacional.

Referências bibliográficas

- Allison, G. (2021). *Destinados à Guerra - Poderão a América e a China escapar à armadilha de Tucídides*. Lisboa: Gradiva.
- Haass, R. N. (2017a). *A World in Disarray - American Foreign Policy and the Crisis of the Old Order*. New York: Penguin Press.
- Haass, R. N. (2017b). *World Order 2.0: The Case for Sovereign Obligation*. Foreign Affairs. <https://www.foreignaffairs.com/world/world-order-20>
- Haass, R. N. (2017c). *World Order 2.0*. <https://www.project-syndicate.org/commentary/globalized-world-order-sovereign-obligations-by-richard-n--haass-2017-01>
- Tavares, J. (2022). Recensão: “Destinados à guerra: poderão a América e a China escapar à armadilha de Tucídides?” de Graham Allison.” *Lusíada. Política Internacional e Segurança* 23-24, 217-223. <https://doi.org/10.34628/3hkn-1n88>